

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jessiane Almeida Miranda¹
Profª Drª Raquel Terezinha Rodrigues²

A costa dos Murmúrios - Discursos literários sócio-históricos

Resumo

A partir de uma análise mais aprofundada do romance *A Costa dos Murmúrios*, buscaremos analisar como se posiciona a personagem feminina diante dos conflitos matrimoniais, domínio colonial Português e discurso memorialístico, observar como se dá a construção da personagem na obra e estabelecer um viés histórico interligado com os fatos narrados pela autora em sua obra, ou seja, voltar-se para as condições sócio-históricas e os discursos literários e memorialísticos femininos.

Palavras-chave: Lídia Jorge; Costa dos Murmúrios; narrativa feminina.

O presente trabalho tem como objeto de estudo o livro *A Costa dos Murmúrios* de Lídia Jorge, um romance publicado em 1988, baseado nas memórias e experiências vividas pela autora em Moçambique quando casada com um oficial da Força Aérea de Portugal. Lá a escritora testemunhou os últimos anos das guerras coloniais, um marco na história de Portugal e também na vida da autora, pois é a partir da convivência com os oficiais e os momentos que ela própria presenciou que nasceu o livro *A Costa dos Murmúrios*. A obra relata os fatos históricos desse período (1960), se faz presente o tema de amor e guerra narrados pela personagem principal, Evita, que ao se casar com um oficial na primeira parte da narrativa vive o momento mágico do casamento entremeado com sinais da guerra. Em um segundo

¹ Acadêmica do 4º ano do Curso de Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO – Grupo PET Letras.

² Orientadora

momento revela através dos relatos de Eva, que trazem a realidade daquela sociedade a partir da perspectiva feminina.

Com base nas leituras realizadas a partir dos estudiosos aqui apresentados procuraremos compreender melhor a escrita testemunhal, por se tratar de um livro que nos apresenta fatos reais que fazem parte da história em geral que quando ligados a uma narrativa literária passam a ter um valor documental. Para tanto tomamos como base teórica *Do Sótão à Vitrine: Memórias de Mulheres* da autora Maria José Motta Viana 1995.

Nesse âmbito investigaremos o papel da mulher nessa sociedade, na qual somente o homem tinha prestígio. Lídia Jorge traz através da personagem Evita um discurso construído com o intuito de denunciar os abusos com a mulher e com os negros por parte dos portugueses.

Lídia Jorge nasceu em Boliqueime, Algarve, em 1946. Licenciou-se em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa e passou alguns anos em Angola e Moçambique, durante o final da Guerra Colonial, sendo que, sua experiência em Moçambique serviu de base para o romance *A Costa dos Murmúrios*, publicado em 1988. Destaca-se por escrever nos estilos de Literatura Contemporânea e Realismo Histórico.

Sua bibliografia inclui ainda os romances *O Dia dos Prodígios* (1980), *O Cais das Merendas* (1982), *Notícia da Cidade Silvestre* (1984), *A Última Dona* (1992), *O Jardim Sem Limites* (1995), *O Vale da Paixão* (1998), *O Vento Assobiando nas Gruas* (2002), *Combateremos a Sombra* (2007) e *A Noite das Mulheres Cantoras* (2011). Os contos *A Instrumentalina* (1992), *O Conto do Nadador* (1992), *Marido e outros Contos* (1997), e *O Belo Adormecido* (2004). Na literatura infantil publicou *O Grande Voo do Pardal*, ilustrado por Inês de Oliveira (2007) e *Romance do Grande Gatão*, ilustrado por Danuta Wojciechowska (2010). Produziu um ensaio chamado *Contrato Sentimental* (2009) e uma peça por nome *A Maçon* (1997).

Referente ao contexto político social, de acordo Wondji Mazrui em “História geral da África – VIII: África desde 1935; Comitê ” com o em Portugal no ano de 1930, Antônio Salazar se torna ministro dos assuntos coloniais, sendo uma de suas principais medidas, a criação do Estado Novo, uma ditadura civil semifascista que visava subordinar os interesses econômicos das colônias aos interesses da metrópole. O país imporia uma nova política cujo objetivo era extrair a riqueza da África através da exploração colonial com trabalhos forçados e taxaço obrigatória.

Em Moçambique a maior parte da renda provinha da mão de obra enviada anualmente à África do Sul com vistas ao trabalho nas minas de ouro de Witwatersrand e da exportação através de uma economia de plantation. A década de 1935 a 1945, nas colônias portuguesas, foi marcada pela crise econômica, pelo endurecimento do regime fascista e pela Segunda Guerra Mundial.

A narrativa se dá a partir de relatos da guerra sob uma perspectiva do narrador-personagem Evita, que inicialmente casa-se narra os acontecimentos que envolvem a beleza e o sonho do dia seu casamento com o alferes Luiz Alex, mas quando deixa de ser Evita e passa a ser Eva Lopo narra as memórias passadas, compreender-se que deixa de olhar apenas para si, mas passa a olhar para um campo que abrange a sociedade e denuncia a um jornalista os problemas de Moçambique que estavam aprisionados apenas nas memórias de Evita. Nesse ponto da obra que temos uma dualidade que se vai tecendo entre o contexto social e as memórias da personagem. É, portanto, nesse campo que buscaremos a relação entre autor, obra e contexto sócio cultural evidenciando o discurso feminino presente na obra.

Nessa linha de análise, temos alguns autores que desenvolveram estudos voltados para a narrativa de Lídia Jorge, dentre eles destacamos três artigos relacionados ao tema. Observemos no texto de Nícia Petreceli Zucolo, “O ruído da resistência no discurso marginal de Lídia Jorge”, ao comparar duas obras de Lídia Jorge *A costa dos Murmúrios* e *A manta do soldado*, ela faz uma análise entre as personagens Evita e Helena e a relação de obediência aos maridos que tornam uma personagem oposta à outra. Zucolo afirma que “Evita crê-se superior a Helena, por ter frequentado universidade, não ter obedecido ao noivo e vê Helena como o estereótipo da bela mulher vazia, sem conteúdo intelectual, condenada a ser uma *columbina*”.

Paula Jordão em “A Costa dos Murmúrios: Uma Ambiguidade Inesperada” (1999) muda o foco das análises e se volta para as ambiguidades do discurso e para os problemas culturais abordados. Contudo, faz uma análise comparativa das personagens Helena e Evita e a forma como cada uma, a sua maneira, constrói sua identidade dentro daquele contexto político e opressor.

A autora Jurema José de Oliveira faz menção as guerras coloniais na África em Moçambique listando uma série de acontecimentos que permeiam o romance de Lidia Jorge *A costa dos Murmúrios*. Oliveira apresenta a estrutura da obra e como

ela é dividida além de descrever a personagem principal Evita. Oliveira também ressalta a situação social da mulher naquele período, que era descriminalizada, deixada a par da sociedade devido à submissão que era imposta por seu marido. Este fato é enfatizado no capítulo intitulado “Os Gafanhotos”

Vale ratificar que a autora Lúcia Jorge, usa suas próprias experiências para documentar a história, relatando assim os fatos sociais ocorridos no período em que estava em Moçambique, ou seja, é uma narrativa mediante o olhar feminino sobre os acontecimentos na guerra colonial, não uma autobiografia de Lúcia Jorge.

As mulheres em *A costa dos Murmúrios*

A costa dos Murmúrios que retrata a vida de uma mulher que vive o sonho do casamento, mas que ali mesmo diante daquelas cenas já percebe prenúncios do que viveria com seu esposo e o caos que a guerra colonial lhe causaria. A partir da narrativa do casamento, temos um relato mais claro e cheio de revelações sobre aquela sociedade, e é nesse momento que Eva Lopo assume a autoridade da mulher que agora, mais madura que Evita, evidencia os problemas daquele meio social.

Em “Formas de contar: ‘Os gafanhotos’ e *A costa dos murmúrios*”, segundo Raquel Tretin Oliveira (2006), em seu artigo o romance se divide em dois momentos, primeiramente o casamento de Evita com um jovem oficial, mesclado com alguns poucos acontecimentos da guerra, com o subtítulo *Os Gafanhotos*, é considerado um conto devido a sua extensão, focando no casamento narrado por Evita que observa as mulheres dos outros militares e a submissão que elas sofrem durante o festejo no terraço do Hotel Stella Maris, narrados num tom misterioso e distantes da real história.

Em um segundo momento, temos a personagem Eva Lopo, a própria Evita, que após 20 anos passa a narrar as memórias de Evita de forma mais verdadeira e detalhada, destacando aquilo que Evita não teve ousadia de revelar, ou seja, nota-se que Eva traz aos olhos do leitor aquilo que ficou omissa na primeira parte do livro e é aqui que temos o romance propriamente dito.

Algumas temáticas no livro são bem claras, como a mistura de duas culturas, Portugal e África, a forma como eram descriminalizados, a dualidade, o feminino e o masculino regidos pela opressão, já que o livro é narrado por uma mulher. Além da

personagem principal temos Helena que é a esposa do capitão Forza Leal, que passa por uma série de situações de austeridade com o marido, entre as quais ressaltamos:

Mas naturalmente Helena de Tróia tinha de concitar o olhar. Naturalmente que o capitão reparou no olhares que choviam como dardos. Naturalmente o capitão a esbofeteou a mulher. [...] com a face esbofeteada, era naturalmente cada vez mais linda. Naturalmente uma lágrima caiu por um dos seus olhos, porque o outro estava coberto por uma de suas madeixas do farto cabelo rubro. (JORGE, 2004 p.29)

Fica claro que as mulheres relatadas por Evita, não têm direitos nem ao menos possuem nome e somente são descritas como as mulheres dos oficiais que estão hospedados no Hotel *Stella Maris*, pois elas são como propriedades dos maridos e quase sempre violentadas como se observa no trecho

O fio de sangue que ressumava da orelha daquela rapariga batida pelo marido e que ia caindo à praia, tudo era vermelho. Sobre tudo os vergões que muitas delas tinham pelas caras. Os cinco dedos das mãos de Forza Leal ainda estariam visíveis como se esculpidos na face esquerda de Helena de Tróia. (JORGE, 2004 p.33)

Helena é a única mulher descrita por Evita com características físicas, sedutora, de cabelos vermelhos, é ousada e até seu nome possui significância no enredo, como se ressalta: “dizer Haec Helena é o mesmo que dizer eis a causa do conflito” (JORGE 2004 p. 77), no entanto a impressão que passa para o leitor é como se Evita visse nessa personagem quem ela queria ser, como se sentisse invejosa diante da formosura de Helena.

Evita pensou em uma divindade a quem se sacrificasse a inocência, e que simbolizasse essas três forças tão precárias e tão violáveis, reunidas. Pensava, nadando. Os Gregos, pais dos nossos mitos, não inventaram essa fragilidade nem a malevolência dessa fragilidade. Se as três abstrações estivessem reunidas tudo se explicaria desde os pássaros vermelhos à cena do barco, e assim ela não era malévola, mas frágil, e pensava, nadando. Via Helena frágil, uma pomba frágil, e pensava, nadando, Evita, no destino dos frágeis contém o farol onde costumavam aterrar as aves mais noturnas. (JORGE 2004 p. 96)

Apesar disso desaprova o comportamento ousado de Helena, contudo, ela, como as outras esposas eram submissas aos seus conjugues, não os contrariavam, aceitando assim a sua brutalidade sem se rebelar.

Vale ratificar que a mulher não tinha voz social, tão pouco tinha conhecimento dos atos militares da guerra colonial, por isso aceitavam a opressão que provinha de seus maridos. O enfoque está exatamente nessa perspectiva feminina da colonização que através das memórias de Jorge revela os sentimentos e as experiências da autora que servirão de referência para compor o livro *A costa dos Murmúrios* denunciando os problemas reais por meio da literatura.

Que memória histórica, que testemunho? Esqueça de no, esqueça – disse Eva Lopo. De facto, entre o que disse a mulher do antigo sargento e que deu aos galegos Deuladeu Martins, caído do regaço do alto da muralha, não há diferença. (JORGE 2004 p. 210)

Sendo assim ao considerar que a mulher não tinha voz na sociedade e sofria com a opressão masculina, a escrita memorialística, deste modo, abre portas para que a mulher passe a fazer parte e contribuir para a sociedade construindo sua identidade. Segundo Viana (1995) “apesar dos muitos movimentos de emancipação feminina e de algumas conquistas promissoras nesse campo, parece que a identidade feminina continua sendo discutida e definida pelo imaginário masculino”. Lídia Jorge em *A Costa dos Murmúrios* deixa nítido a mudança na identidade de Evita, ela não apenas passa a ser Eva, mas constrói uma visão mais madura e real da sociedade afim de buscar seu espaço.

Essa aplicação do espaço feminino torna-se viável à medida que a mulher toma posse da linguagem, para muitos de valor pouco compreensível e, para outros a base da identificação do homem cultural, enquanto ser simbólico. À medida que mulher não reivindica para si o direito à fala, no sentido político ideológico que o sistema linguístico envolve, e não consegue ser ouvida não pode também ser percebida como ser dotado de razão, potencial de trabalho e sensibilidade discernente nesse aspecto a escrita memorialística da mulher adquire uma dimensão insuspeita, já que representa de algum modo a personagem feminina construída pela própria mulher. (VIANA, 1995 p14)

De acordo com Viana (1995) temos várias formas de escrita feminina como: “diários, autobiografias, memórias, romances pessoais” como já citamos acima a

autora da obra em questão não escreveu uma autobiografia, contudo vivenciou de perto os acontecimentos da colonização de Moçambique podendo assim tratar de tais assuntos com propriedade e veracidade, contudo Viana afirma que deve ser trabalhado a linguagem utilizada para que a escrita tenha não apenas valor documental mas também literário.

Deve-se a essa liberdade linguística e literária a desconfiança em relação às autobiografias ditas mais literárias. Acredita-se que quanto mais elaborada for a reprodução dos fatos vividos, menos exata, menos próxima da verdade ela estará. O aperfeiçoamento do estilo vem lançar suspeitas sobre o conteúdo da narrativa. Em se tratando de testemunho de vida trabalha a linguagem a torná-la mais literária reverte-se numa forma desvanecer, encobrir ou dissimular a veracidade dos fatos. Talvez aí se encontre a causa da preocupação quase generalizada entre as escritoras em explicitar o objetivo não literário de seus livros, como forma de avaliar a autenticidade do “documento-testemunho” da vivência do grupo social num dado espaço e num tempo delimitado (VIANA, 1995 p.17).

Em uma entrevista ao canal Eurochannel disponível no sitio da própria emissora, Lídia Jorge fala sobre o papel não ativo da mulher e o fato dela ser menosprezada, estando à margem da sociedade. Deve-se este fato a escrita de Jorge denunciar a mulher inercia que passa pelo processo de busca pelo seu espaço, não só na literatura, mas em um contexto geral uma vez que não se trata apenas de ficção, mas de situações reais de um país, e ainda afirma que a obra é construída sim a partir dessa vivência. De acordo com Viana a escrita feminina memorialística assente com histórico de conceitos e preconceitos determinados pelo meio, além do mais contribui também para a construção de uma identidade nacional da mulher.

No que concerne à escrita memorialística feminina a luta maior se trava com uma outra censura, mais sutil e mais imperiosa porque frequentemente inconsciente; censura interna de cada um, nascida da incorporação de valores, concepções e preconceitos que o contexto sócio cultural impõe a cada sujeito, muitas vezes mais impermeáveis e castradoras do que os mecanismos censores externos. A partir dela é que se fundamenta nas lembranças pessoais aquela dose inevitável de fingimento que perpassa a narrativa mais “verdadeira” (VIANA, 1995 p. 18).

O romance traz consigo a importância de denunciar os abusos cometidos por aquela sociedade, sendo assim, compreendemos que as narrativas voltadas para o autodiscurso feminino podem ser esclarecedoras e de grande importância para abrir novos campos de interpretação, já que tratam de maneira real todos os problemas coletivos e a construção da identidade mulher “no contexto de suas experiências para repensar o seu papel na constituição da nossa sociedade e no seu desempenho anônimo” (VIANA, 1995 p 20), nesse sentido, tendo em vista a relação que estabelece entre autor, obra e contexto sociocultural ponderamos que o livro não só é romance literário, mas também uma obra que contribui para que os leitores e mais específico para que as leitoras tivessem um olhar mais atento para todos os temas e influíssem sua posição obtendo assim uma identidade forte e ativa diante da sociedade deixando de ser tratadas como objetos como foi retratado pelas mulheres dos oficiais.

Referências

JORGE, Lídia. A Costa dos Murmúrios, ed. Rio de Janeiro: Record, 2004

MAZRUI, Wondji; História geral da África – VIII: África desde 1935; Comitê Científico Internacional da UNESCO para Redação da História Geral da África

VIANA, Maria José Motta. Do Sótão à Vitrine Memórias de Mulheres – Belo Horizonte 1995

OLIVEIRA, Jurema José Uma autoanálise em A costa dos murmúrios, de Lídia Jorge - Universidade Federal Fluminense – UFF. Disponível em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/olive.rtf> Acesso em 04/03/2013

.

ZUCOLO, Nícia Petreceli. O ruído da resistência no discurso marginal de Lídia Jorge Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura. Disponível em: http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/nicia_petreceli.pdf acesso em 04/03/2013

JORDÃO, Paula. “A Costa dos Murmúrios: Uma Ambiguidade Inesperada” (1999) Disponível em: <http://www.plcs.umassd.edu/docs/plcs02/plcs2-pt2.pdf> acesso em 04/03/2013.

Entrevista com Lídia Jorge. Disponível em <http://www.eurochannel.com/pt/Entrevista-com-Lidia-Jorge.html> Acesso em: 20/09/2011

JORGE, Lidia. Lidia Jorge Disponível em: <http://www.lidiajorge.com/livros> Acesso em 06/03/2014

JORGE, Lidia. Lidia Jorge Disponível em: <http://www.lidiajorge.com/autor> Acesso em 06/03/2014

Portal da Literatura <http://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=63> Acesso em 06/03/2014